

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

LUCAS DE LIMA GONÇALVES DA SILVA

**A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO: UMA
REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO A PARTIR DE UMA ESCOLA
PÚBLICA DE RECIFE**

Recife, 16 de dezembro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO: UMA REFLEXÃO
SOBRE A EDUCAÇÃO A PARTIR DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
RECIFE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado pelo aluno **LUCAS DE LIMA GONÇALVES DA SILVA** ao Curso de Ciências Sociais da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito necessário para a obtenção do título de bacharel em ciências sociais.

Orientador: Paulo Afonso Barbosa de Brito

Recife, 16 de dezembro de 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Ana Catarina Macêdo – CRB-4 1781

S586f Silva, Lucas de Lima Gonçalves da.
A formação da sociedade do cansaço: uma reflexão
sobre a educação a partir de uma escola pública de Recife
/ Lucas de Lima Gonçalves da Silva. – Recife, 2019.
45 f.

Orientador(a): Paulo Afonso Barbosa de Brito.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado
em Ciências Sociais, Recife, BR-PE, 2024.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Educação - Recife (PE). 2. Fadiga mental - Aspectos
sociais. 3. Socialização. 4. Depressão mental - Aspectos
sociais I. Brito, Paulo Afonso Barbosa de, orient. II. Título

CDD 300

LUCAS DE LIMA GONÇALVES DA SILVA

**A formação da sociedade do cansaço:
Uma reflexão sobre a educação a partir de uma escola pública de Recife**

Trabalho de conclusão de curso apresentado pelo aluno **LUCAS DE LIMA GONÇALVES DA SILVA** ao Curso de Ciências Sociais da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito necessário para a obtenção do título de bacharel em ciências sociais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Afonso Barbosa de Brito
(DECISO - UFRPE)

Prof. Dr. Josias
(DECISO – UFRPE)

Prof. Dr. João Morais de Sousa
(DECISO – UFRPE)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus preciosos familiares e amigos que caminham ao meu lado, provendo suporte, motivação e apoio todos os dias, cada um à sua maneira. Agradeço também a todos os profissionais ligados a educação que possibilitaram o meu desenvolvimento intelectual e meu progresso acadêmico, em especial ao professor Paulo Afonso que foi de grande ajuda na produção e organização dessa monografia. Esse trabalho não seria possível sem as suas ajudas. A todos, o meu sincero obrigado.

RESUMO

Tendo em vista o número alarmante de jovens estudantes de Recife na atualidade com problemas de ordem psíquicas, como a depressão, a ansiedade, a síndrome de Burnout etc. o presente trabalho tem como objetivo analisar se é possível estabelecer uma relação direta entre a socialização feita pela educação com o aumento do índice de doenças psíquicas dessa população. O modelo educacional atual exerce violência neuronal nos jovens? Se sim, de que forma essa violência é exercida? Quais as consequências dessa violência? Para averiguar a veracidade da tese e responder a essas indagações, foi realizada uma pesquisa de campo que fez uso de questionários e entrevistas com alunos e ex-alunos com a finalidade de levantar dados para serem analisados e embasar uma discussão teórica capaz de verificar essa tese. Conclui-se que é possível estabelecer uma relação da educação com o adoecimento psíquico da população na medida em que ela interioriza valores e rotinas que jogam o indivíduo em uma vida regada de violências neuronais que contribuem para a formação de problemas psíquicos.

Palavras-chaves: Educação; Adoecimento Psíquico; Socialização; Violência Neuronal

ABSTRACT

Having in sight the alarming number of young students from Recife nowadays with psychic problems, like depression, anxiety, Burnout syndrome etc. The present work aims to analyze if it's possible to establish a direct relationship between the socialization made by the education with the increase in the rate of psychic disorders of this population. Does the current educational model exert neuronal violence in young people? If so, in what ways this violence is exercised? And what are the consequences of this violence? To verify the truth of the thesis and answer these questions, a field research was made using questionnaires and interviews with students and former students with the purpose of collecting data to be analyzed and support a theoretical discussion capable of verifying this thesis. It is concluded that it's possible to establish a relationship between education and the population's psychic illness insofar as it internalizes values and routines that throws the individual in a life full of neuronal violences that contribute to the formation of psychic problems.

Keywords: Education; Psychic illness; Socialization; Neuronal violence

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. Primeiro capítulo:	
SOCIOLOGIA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE DO CANSAÇO:	16
1.1. Educação e Sociedade:	16
1.2. Sociedade, Educação e Cansaço.....	18
1.3. Doenças psíquicas	23
1.4. A sociedade do cansaço	24
1.5. Violência neuronal	25
1.6. A sociedade do desempenho	26
2. Segundo capítulo:	
A ESCOLA DE REFERÊNCIA SILVA JARDIM E O ENSINO INTEGRAL	28
2.1. Nosso campo de estudos: A escola Silva Jardim.....	28
2.2. As políticas educacionais e a Escola Integral.....	30
3. Terceiro Capítulo:	
OS ESTUDANTES DA ESCOLA SILVA JARDIM: ENTUSIASMO E CANSAÇO:	33
3.1. Instrumentos de coleta	33
3.2. Sentimentos e práticas dos estudantes: sinais de uma “sociedade do cansaço”	34
3.3. Analisando os dados: O sistema educacional como fonte de tormentos.....	36
4. Conclusão	39
5. Referências	41
6. Apêndice	43
6.1. Sumário comentado	43
6.2. Questionário	43

INTRODUÇÃO:

A relação entre sociedade e educação faz parte da tradição das ciências sociais, especialmente da sociologia desde o seu nascedouro, todos os três considerados fundadores desta ciência deram grande ênfase a essa relação. Dos três, Emile Durkheim parece ser o que dedicou a mais extensa análise da educação, ao considerar o fato educacional como um fato social (elemento central de sua abordagem), considera que é dever dos cientistas (e não dos filósofos ou doutrinadores) a análise dessa dimensão da realidade social, em função de construir as condições para a coesão social, como necessidade e exigência das sociedades. Para tal, os indivíduos ergueram em sua vida social um conjunto de valores, um certo ideal de homem, de justiça, de valores, que permitem aquela unidade e coesão, e que são reproduzidas de geração para geração. A educação, através da escola, mas também em outras dimensões da vida, passa a ser uma ação especializada que influencia fortemente para a desejada coesão.

Na sociedade pós-moderna capitalista do século XXI, pode-se ser observada uma ascensão de doenças psíquicas, tais como a depressão, a ansiedade e a insônia, na população mundial. Tomando por exemplo a depressão, a OMS apontou em 2010 que cerca de 10% da população mundial sofre com este transtorno, e a expectativa é de que este número cresça a cada ano.¹ Esta realidade leva muitos estudiosos a considerar a depressão como uma epidemia. Nos jovens esses números são ainda mais assustadores, onde segundo a OMS, 1 a cada 5 jovens enfrenta algum tipo de problema de saúde mental.² Diante desse cenário, diversos cientistas de diversas áreas, como por exemplo: a psicologia e a sociologia, passaram a tentar compreender esta realidade tentando entender os motivos que estão levando ao surgimento e a ascensão dessas doenças na atualidade.

No mundo acadêmico, autores como Byung-Chul Han e Alan Ehrenberg, se destacam ao se desdobrarem sobre essa realidade do adoecimento psíquico da sociedade moderna fazendo uso de uma abordagem psicossocial. Ehrenberg encontra a explicação para a ascensão das doenças psíquicas atuais na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho. O autor mostra que a sociedade moderna capitalista atual não é mais uma sociedade disciplinar, ou do

¹ <https://saude.abril.com.br/bem-estar/uma-epidemia-de-depressao/>

² <https://nacoesunidas.org/oms-1-em-cada-5-adolescentes-enfrenta-problemas-de-saude-mental/>

controle, que possui como característica um excesso de negatividade que gera, segundo Foucault (1987), indivíduos loucos e delinquentes; ela assume agora um novo modelo que possui como característica um excesso de positividade. A esse novo modelo de sociedade, Ehrenberg dá o nome de sociedade do desempenho. Em uma sociedade do desempenho o indivíduo vive cercado por positivities providas pelo sistema que interiorizam na mente do indivíduo o pensamento de que tudo está a seu alcance, que as possibilidades estão dadas e o único responsável pelo sucesso ou pelo fracasso do indivíduo na vida é o próprio indivíduo. O excesso dessa positividade, presente nas sociedades do desempenho, somado a outros fatores como as altas cargas de trabalho, leva o indivíduo a um estado de sofrimento psíquico que pode resultar no surgimento de doenças psíquicas como a depressão, a ansiedade, a insônia, a síndrome de Burnout, entre outras. O fato de que a sociedade moderna capitalista atual assume o formato de uma sociedade do desempenho, talvez possa explicar o quadro atual de ascensão dessas doenças psíquicas.

O autor coreano Byung-Chul Han (2015), em sua obra intitulada “A Sociedade do Cansaço”, também contribui com esta temática e possui uma visão semelhante à de Ehrenberg. Ele mostra ao longo de sua obra que a ascensão das doenças psíquicas está diretamente associada ao modelo da sociedade e a forma de vida que os indivíduos dessas sociedades veem levando. Segundo ele, o modelo da sociedade moderna atual impõe em seus indivíduos uma rotina pesada e estressante, onde o indivíduo vive a todo momento, inclusive em momentos de folga, afogado por violências neuronais que acabam oprimindo o indivíduo. Essa opressão e essa violência neuronal cometida tanto pelos conflitos externos advindos do mundo externo, quanto pelos conflitos internos interiorizados na mente do indivíduo, acabam consumindo e enfraquecendo o espírito do ser humano gerando um adoecimento psíquico na população e dando aos indivíduos da contemporaneidade um semblante cansado, esgotado e sofrido.

O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa auto referencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhes são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal. (2015, p. 30)

Além disso, outras características desse modelo, como a atomização social e o enfraquecimento de vínculos, acabam somando a esse cenário de adoecimento

psíquico. Então, para Han, esse modelo de sociedade e forma de vida, que podem ser observados nas sociedades capitalistas na atualidade, é propício ao surgimento das doenças psíquicas e explicaria a ascensão delas vista na atualidade. Mas como essa sociedade do cansaço se instaura? Como esse modelo de sociedade do desempenho se forma e domina a atualidade?

A sociedade do desempenho, assim como todo modelo de sociedade, se instaura e se mantém através de suas instancias socializadoras que são responsáveis por interiorizar nos indivíduos os valores prezados pela sociedade, moldando-os da maneira desejada e formando os integrantes dessa sociedade. Tendo esse objetivo em mente, a principal camada que deve ser socializada e imbricada pelos valores desse modelo de sociedade é a camada mais jovem, pois eles serão os futuros indivíduos que formarão a sociedade; dessa forma, a principal ferramenta para se instaurar um modelo de sociedade são as instituições responsáveis por socializar os jovens. Dentre essas instituições, destaca-se a escola. Muitos autores, como Durkheim, veem a escola como a principal instituição socializadora, pois ela possui a função e é a grande responsável por introduzir o jovem na sociedade ao interiorizar, através da escolarização (processo pelo qual a escola escolhe determinados conteúdos e os passa aos alunos) e do seu ambiente (que rege o comportamento dos alunos), os valores e as habilidades necessárias para que esse jovem consiga fazer parte da sociedade de fato.

Para Emile Durkheim, a educação tem um papel importante na socialização das crianças, pois, particularmente ao aprender história, por exemplo, as crianças adquirem uma compreensão dos valores comuns na sociedade, que congregam uma variedade de indivíduos diferentes. Esses valores comuns incluem crenças religiosas e morais e um senso de autodisciplina. Durkheim argumenta que a escolarização proporciona que as crianças internalizem as regras sociais que contribuem para o funcionamento da sociedade. (GIDDENS, 2002, p. 590)

Trazendo para a realidade brasileira, o Brasil também está inserido nesse cenário de adoecimento psíquico da população mundial, possuindo índices altos tanto com diagnósticos de depressão, possuindo em 2017 cerca de 11,5 milhões de indivíduos que se encaixam nesse quadro, quanto de ansiedade, possuindo cerca de 10% da população sofrendo com este transtorno³, e a perspectiva é de piora. Já em relação à população jovem, 1 a cada 3 jovens no Brasil apresentam algum tipo

³ <https://www.medley.com.br/campanhas/podecontar/preciso-ajuda/artigos/ansiedade-e-depressao>

de problema na saúde mental⁴ sendo Recife uma das cidades que possui os maiores índices, onde cerca de 20% dos jovens se encaixam nesse quadro. Uma pesquisa feita em escolas públicas e privadas da zona norte e sul de Recife pelos autores Joana D’Arc Vila Nova Jatobá e Othon Bastos, intitulada como “Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas”⁵ mostra dados ainda mais assustadores. Segundo a pesquisa, feita com a participação de 242 alunos e que fez uso de três instrumentos para levantamento de dados sendo eles: um questionário demográfico, socioeconômico e de constelação familiar⁶, a escala de Hamilton para depressão e a escala de Hamilton para ansiedade; 59.9% dos jovens entrevistados apresentam sintomas depressivos e 19,9% apresentam sintomas de ansiedade. Diante deste cenário, é necessário a realização de pesquisas voltadas a compreender esta realidade e como as instituições educacionais, responsáveis por socializar os jovens brasileiros, atuam no sentido de causar esse adoecimento psíquico da camada jovem brasileira.

É nesse contexto de necessidade que essa pesquisa será feita. Aqui, além de realizar um estudo de caso na escola de referência de ensino médio (EREM) Silva Jardim, situada em Recife no bairro de Apipucos, realizarei também entrevistas com alunos e ex-alunos da rede particular de ensino. Com isso, buscarei compreender o cenário de adoecimento do jovem na cidade de Recife descrito na pesquisa, tendo como finalidade responder a seguinte pergunta: **a socialização feita pelas escolas de Recife (ambiente e escolarização) possui influência no aumento das doenças psíquicas da população jovem de Recife?**

A hipótese inicial é a de que o modelo de educação de Recife atual age no sentido de interiorizar os valores da sociedade do desempenho nos estudantes, moldando os indivíduos de acordo com os interesses da sociedade moderna e os inserindo na sociedade do cansaço. Esses valores interiorizados, somados às pesadas rotinas de estudo a quais os estudantes são expostos, resultam em uma alta violência neuronal que acarreta em um adoecimento psíquico de parte dos jovens de Recife.

⁴

<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/um-em-cada-tres-adolescentes-no-pais-sofre-de-transtornos-mentais-comuns-19356875>

⁵ <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v56n3/a03v56n3.pdf>

⁶ Para saber mais sobre esse procedimento, ler Bert Hellinger

Tendo como fim analisar essa problemática e comprovar esta hipótese, os objetivos deste trabalho são o de analisar se a socialização feita pelas escolas de Recife (ambiente e escolarização) possui influência no aumento das doenças psíquicas da população jovem de Recife. Nessa análise, foi feita a discussão sobre as rotinas que os estudantes são submetidos, buscando também identificar a percepção dos alunos e ex-alunos da escola sobre o adoecimento psíquico dos estudantes. Além disso, esse trabalho cumpre um outro objetivo que é o de realizar uma contribuição teórica para o tema.

No que diz respeito à parte prática dessa pesquisa, ela foi realizada através de um estudo na escola de referência do ensino médio (EREM) Silva Jardim em Recife, pois fazendo essa pesquisa prática neste local foi possível a obtenção de dados de uma amostragem típica devido às características semelhantes que os alunos da EREM possuem com as dos alunos das escolas de Recife em geral. Além disso, foram realizadas entrevistas com um caráter mais aberto com alunos e ex-alunos da rede particular, tentando compreender a percepção deles sobre a temática.

Para obter os dados desejados dos sujeitos pesquisados e da pesquisa como um todo a pesquisa possuirá uma metodologia de caráter qualitativo, se fazendo uso das seguintes técnicas de coleta de dados: a observação, entrevistas semi-estruturadas e questionários. Fazendo uso desses três instrumentos de coleta poderemos obter o corpus da pesquisa que será essencial na busca pelas respostas para a pergunta que move a pesquisa. Sobre a pesquisa qualitativa Minayo (2009) escreve:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (...) O universo da produção humana pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa (...). (2009, p. 21)

Os dados obtidos pela pesquisa serão analisados em três etapas conforme Miles e Huberman (1994) mostraram em sua obra. A primeira etapa será a da redução, onde buscaremos selecionar os dados mais relevantes para o nosso propósito, transformando o material bruto da pesquisa em um tipo de sumário bem organizado. Na segunda etapa, intitulada como a apresentação, os dados relevantes separados na fase anterior serão organizados para que possam ser analisados de

maneira sistemática, buscando estabelecer as diferenças e aproximações entre os dados e visando a construção de relações entre eles. Por fim, na última etapa se construirá as conclusões da pesquisa, sendo feitas as análises e considerações finais acerca das descobertas da pesquisa.

Os sujeitos que foram estudados nessa pesquisa foram alunos devidamente matriculados no Silva jardim, afinal, a pesquisa se propõe a entender a relação dos jovens com a educação em Recife, sendo assim os jovens que frequentam o ensino médio de maneira “normal” possuem um papel fundamental na pesquisa, e alunos e ex-alunos da rede particular de ensino de Recife, pois a visão deles contribuirá para a ampliação da amostragem e para o maior entendimento da temática. A seleção dos sujeitos que participarão da pesquisa será feita da seguinte forma: A turma do Silva Jardim será escolhida de forma sorteada, enquanto os alunos e ex-alunos da rede particular serão escolhidos de maneira aleatória e participaram por interesse deles e por sua disponibilidade.

No que tange à justificativa deste trabalho, lembremos que ao longo do tempo, diversos pesquisadores e estudiosos se dedicaram a compreender o funcionamento dos problemas na saúde mental, desde os motivos de seus surgimentos até formas de combatê-las. As doenças psíquicas possuem efeitos nefastos nos indivíduos que as possuem, incapacitando-os e trazendo sofrimento para eles e para aqueles que vivem com ele. Consequentemente, a sociedade também sofre quando possui altos níveis de adoecimento psíquico em seus indivíduos, pois a incapacitação desses indivíduos adoecidos e o custo despendido para curá-los (se for possível) trazem impactos negativos na sociedade.

Não é difícil olhar para a nossa realidade, nos mais diversos países, e perceber o quanto a nossa população, nas mais diversas faixas etárias, sofre com problemas na saúde mental. Estamos vivendo a todo tempo cercados por pessoas que demonstram na sua linguagem corporal (suas feições, posturas e modo de agir) o desgaste e o peso decorrente da rotina e da violência neuronal a que estamos expostos; quem sabe até nos mesmos somos passíveis dessa descrição. A população mundial do século XXI aparenta estar doente e olhar para as estatísticas apenas confirma esta sensação: no século XXI, as sociedades humanas sofrem ainda mais com as consequências das doenças psíquicas na medida em que esses tipos de doenças atingiram um novo patamar e afetam cerca de 10% da população mundial. Diante deste cenário, ainda mais pesquisas e estudos são necessários e

devem ser realizados, tendo como finalidade entender os motivos que levaram a essa ascensão e buscar elaborar soluções que visem combater esse adoecimento psíquico da população global.

Diversos pesquisadores na atualidade vêm criando diversas teorias para explicar o fenômeno do adoecimento psíquico da população global. Autores como Byung-Chul Han e Ehrenberg enxergam a ascensão das doenças psíquicas no novo formato que as sociedades modernas possuem, que submetem os indivíduos a uma alta violência neuronal provocada pelas rotinas pesadas e pela opressão feita pelos valores da sociedade do desempenho interiorizados nos indivíduos. Esse modelo de sociedade e seus valores são formados e inseridos na população, principalmente através da socialização dos jovens pelas instituições da sociedade hegemônica, sendo a escola a principal instituição responsável por realizar esta atividade. Sendo assim, uma importante área que deve ser pesquisada dentro desta temática é a da juventude e os processos de socialização que ocorrem nesta fase.

Outro autor que demonstra em seus estudos a importância da juventude na temática das doenças psíquicas é Sigmund Freud (1940). Segundo ele, em diversos casos os pacientes que sofrem com doenças psíquicas encontram as raízes desse adoecimento na sua juventude, fazendo assim dessa fase uma fase fundamental para compreender a formação das doenças psíquicas e as suas motivações.

No Brasil, a temática do adoecimento psíquico na juventude é ainda mais importante devido a seus altos índices de incidência nessa faixa etária. Sendo assim, é de grande importância a realização de pesquisas que tratem do adoecimento psíquico da juventude brasileira buscando entender os diversos motivos que contribuem para esta situação.

É neste cenário que esta pesquisa foi realizada. Aqui, busquei compreender como a escola, que é uma instituição que possui a função socializar os jovens tendo assim um importante papel na sua formação, contribui para a ascensão dessas doenças psíquicas. Essa pesquisa foi feita na cidade de Recife, que demonstrou possuir altos índices de adoecimento psíquico em sua juventude, como pode ser observado na pesquisa intitulada por “Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas” dos autores Joana D’Arc Vila Nova Jatobá e Othon Bastos. Penso que ao me desdobrar sobre esta realidade da cidade de Recife, buscando compreender a relação entre a escola e os jovens, poderei construir um

conhecimento que sirva ao propósito de entender a formação das doenças psíquicas e sua ascensão no século XXI no Brasil e no mundo.

Essa pesquisa possui um valor importante também para a localidade em que ela for realizada, pois as respostas encontradas nessa pesquisa poderão servir para a construção de medidas que busquem combater o adoecimento psíquico dos jovens e consequentemente da sociedade como um todo.

É de suma importância ressaltar que esse projeto de pesquisa não foi pensado do nada. Ele é resultado de todo um processo científico que nos remonta a cientistas do passado que teorizaram sobre essas temáticas que serão abordadas nessa pesquisa e construíram conceitos que são fundamentais para entender a realidade que nos propomos a entender. Tendo isso em mente, esse projeto de pesquisa foi pensado e construído fazendo uso de diversos conceitos previamente construídos por autores consagrados das ciências sociais, que estarão presentes em toda a pesquisa. Dessa forma, é fundamental que o leitor compreenda bem as discussões e os conceitos feitos pelos autores que serviram de base para essa pesquisa, para que assim o leitor consiga entender bem a discussão que aqui será feita. Tais conceitos como doenças psíquicas, violência neuronal, sociedade do cansaço etc. serão tratados no primeiro capítulo.

Desta forma esta monografia está distribuída da seguinte forma: Essa introdução geral abordando a problemática geral da pesquisa, indicando suas linhas teóricas principais; o primeiro capítulo onde se é feita a discussão teórica propriamente dita, refletindo sobre o adoecimento psíquico e as relações entre a sociedade do cansaço pós-moderna e a educação; o segundo capítulo, onde é feito o detalhamento do método da pesquisa e o local em que foi realizado o trabalho de campo; como terceiro capítulo, é feita a análise dos dados obtidos na pesquisa para alcançar o seu objetivo de verificação da tese. Por fim, são feitas as considerações finais do trabalho, fazendo um fechamento e uma reflexão geral da pesquisa.

1. PRIMEIRO CAPÍTULO:

SOCIOLOGIA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE DO CANSAÇO:

1.1. Educação e Sociedade:

Conforme foi registrado na introdução deste trabalho a relação entre sociedade e educação faz parte da tradição das ciências sociais desde o seu nascedouro, para a presente análise destacamos as contribuições de Emile Durkheim, tanto pela intensa abordagem produzida, quanto por parecer ser um ancoradouro significativo da “sociedade do desempenho”, um dos conceitos fundamentais da presente monografia. Embora em diversas de suas obras o conceito e a prática da educação estão presentes, como em “A Divisão do Trabalho Social”, “O Suicídio”, “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, “Educação Moral”; vai ser em “Educação e sociologia” que o autor vai dedicar grande parte de suas elaborações.

Como para ele a educação tem uma função coesinadora, deve ser analisada e estrategicamente planejada para cumprir satisfatoriamente essa função, o que reforça seus argumentos da necessidade de uma intervenção científica, e não propagandística ou filosófica. Isso implica em: “considerar os sistemas educativos que ora existem, ou tenham existido, compará-los e apreender deles os caracteres comuns. O conjunto desses caracteres constituirá a definição que procuramos” (DURKHEIM, 1978, p. 38).

Muitos estudiosos consideram as abordagens iniciais de Durkheim como o pioneirismo da sociologia da educação. Apesar das diversas críticas, dos diversos acordos, a maioria comunga como essa ideia pioneira do sociólogo francês. Muitos veem em suas elaborações uma abordagem estática e mecânica do fenômeno educativo-escolar, não dando conta dos conflitos, das diversas forças em movimentos em torno da educação, ao considerar como fato social objetivo é, como ação da instituição educacional que, impõe de fora para dentro dos indivíduos a manutenção da unidade social, legadas pelas gerações anteriores, em que a educação se define como:

“...ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver (...) certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política em seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine”. (DURKHEIM, 1978, p. 41).

Tal expressão reforça a concepção de ser humano tratado em Durkheim, uma vez que distingue no ser humano dois aspectos, inseparáveis, mas independentes, um ser individual e um ser social, coletivo. A função da instituição educacional, conforme acima anunciada, visa, portanto, constituir no ser individual, uma expressão do ser coletivo. Ou seja, é a sociedade que determina que os indivíduos se socializem, para que se humanizem, ajustando-se às exigências e necessidades coletivas.

Durkheim (1995) relaciona a educação com dois outros conceitos centrais de sua análise sociológica, da solidariedade e da divisão social do trabalho. Para ele a educação, ou mais precisamente na instituição educativa, permite a expressão da solidariedade ativa, do ser social sobre o individual, do pertencimento coletivo sobre o egoísmo dos indivíduos. Portanto a educação vai cumprir um papel fundamental na superação da solidariedade mecânica pela solidariedade orgânica (DURKHEIM, 1995).

Durante todo o século XX, tanto a educação quanto as ciências sociais experienciaram profundas transformações. Coube ao educador brasileiro, Paulo Freire, na metade do século XX uma abordagem original e criativa. Esse autor propõe uma elaboração diametralmente oposta à proposta de Durkheim, a partir da crítica ao modelo escolar baseado nas principais formulações do sociólogo francês. Mesmo que sua crítica não se refira explicitamente a tais elaborações, ele se dispõe a analisar a realidade educacional tal qual realizada do Brasil, em que se visualizam os princípios durkheimianos.

Ao analisar a educação na conjuntura nacional, Paulo Freire (1987), elabora uma profunda crítica a ideia da educação, como a sociedade, como “algo estático, parado, compartimentado e bem comportado” (FREIRE, 1987, p.33).

“Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos, que os educandos, meras incidências recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis a ‘concepção bancária’ da educação, em que a única margem da ação que se oferecem aos educandos é de receberem depósitos, guarda-los e arquivá-los” (FREIRE, 1987: p. 33).

Ao criticar o modelo de “educação bancária”, Freire propõe o modelo de educação problematizadora, em que justamente, os seres humanos sejam compreendidos como seres humanos inconclusos, conscientes de sua inconclusão, num movimento permanente (FREIRE, 1987:42).

Em suas elaborações posteriores, Freire (1996) vai localizar no educador um papel fundamental para a possibilidade de uma educação problematizadora, o que exige uma postura profundamente democrática do mesmo:

“O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível.” (FREIRE, 1996, p.13).

Tais elaborações provocam uma importante inovação nas teorias e práticas educacionais do século XX, tornando este autor uma referência central nos debates educacionais em todo o mundo.

1.2. A Educação e o Cansaço

I) A pós modernidade e a nova configuração da sociedade

A chegada da pós modernidade trouxe consigo a todo o vapor várias mudanças de ordens sociais, econômicas e psicológicas que reverberam em toda a sociedade; essas mudanças podem ser identificadas principalmente a partir da virada da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho que caracteriza a sociedade pós-moderna. A sociedade disciplinar, como já vimos na introdução, era marcada por uma alta negatividade e pela forte influência das instituições na vida dos indivíduos, que viviam uma vida muito regrada e sobre um constante estado de vigilância pelas instituições que ameaçavam punir aqueles que não seguissem as regras estabelecidas. Lentamente, essa negatividade e esse controle foram interiorizados na mente dos indivíduos do século 20 e ditavam a forma de agir e pensar das pessoas; porém, com o avanço do capitalismo neo liberal e do consumismo, esta sociedade foi sendo alterada ao longo do tempo e a forma de vida e os valores da sociedade disciplinar foram mudando e dando espaço para um novo tipo de sociedade que prega uma vida mais livre onde o indivíduo pode fazer as suas escolhas sem se sujeitar a um controle externo que o proíba. Agora você é livre para buscar o que deseja e tudo está ao seu alcance. A essa nova sociedade nós

chamamos de sociedade do desempenho. Esse processo de transformação se deu principalmente na mente dos indivíduos, que aos poucos viram a negatividade da sociedade disciplinar se transformarem em uma positividade exacerbada; onde antes tudo parecia ser negado, agora na pós-modernidade tudo parece estar a seu alcance, basta você se dedicar e desempenhar o suficiente para chegar lá. Essa positividade exagerada que faz parte dessa nova configuração da sociedade, acaba fazendo com que o indivíduo esteja sempre se cobrando a estar em um alto desempenho para que ele consiga alcançar os seus objetivos que, apesar de agora serem possíveis e alcançáveis, estão a uma longa e tortuosa distância e caso o fracasso venha a ocorrer, este é responsabilidade total do indivíduo que não foi capaz de aproveitar a oportunidade. Essa forma de interpretar o fracasso já demonstra a alta violência neuronal que os indivíduos estão sujeitos. A consequência direta desta longa caminhada, sendo trilhada a um alto desempenho é um dos elementos mais marcantes da sociedade pós-moderna e é hoje estudado por diversos autores: O cansaço.

Nesta nova configuração da sociedade, os indivíduos adquiriram uma série de novas características sendo o cansaço uma das mais presentes, expressivas e fáceis de identificar. Esse constante estado de fadiga decorrente de uma vida acelerada e sendo guiada por um alto desempenho está estampado o dia inteiro nas faces dos indivíduos que vivem nesta sociedade, sendo este semblante considerado a norma da atualidade. Basta olharmos a nossa volta no dia a dia que notaremos essa realidade. Outra característica importante que está contida nesta sociedade do desempenho e conseqüentemente surge na sociedade pós-moderna é a violência neuronal que deriva desta nova forma de viver e interpretar a vida. Uma boa forma de compreender como funciona a violência neuronal na sociedade pós-moderna é analisar o fracasso. Se agora nesta sociedade existe a concepção de que tudo está dado e, é não apenas possível e como também alcançável para todos os indivíduos, qualquer eventual fracasso que o indivíduo venha a sofrer, este será responsabilidade total do indivíduo que não foi capaz de aproveitar as oportunidades que lhe foram dadas. Essa forma de perceber o fracasso oprime o indivíduo ao fazer com que ele esteja sempre se cobrando a estar em um alto desempenho, minimizando momentos de lazer para que não venha a experimentar o fracasso. Sem dúvidas aqui a sociedade coloca o indivíduo sobre uma alta violência neuronal

e que somada ao cansaço tem um alto poder destrutivo ao corpo e a mente do indivíduo.

Uma outra característica que a pós modernidade traz consigo e que também resulta em uma certa violência neuronal ao tornar as pessoas mais desconectadas é a insegurança e a vulnerabilidade das relações humanas na atualidade. Esta temática é bastante discutida pelo autor Sigmund Baumann em suas obras "Amor líquido" e "Tempos líquidos", onde Baumann mostra que

A incerteza do futuro, a fragilidade da posição social e a insegurança existencial - essas circunstâncias ubíquas da vida no mundo "líquido-moderno", notoriamente enraizadas em lugares remotos e, portanto, situadas além do controle individual - tendem a se concentrar nos alvos mais próximos e a se canalizar para as preocupações com a proteção pessoal; os tipos de preocupações que, por sua vez, se transformam em impulsos segregacionistas/exclusivistas, conduzindo inexoravelmente a guerras no espaço urbano. (BAUMAN, 2007, p. 83)

Essa fragilidade e vulnerabilidade é imposta pelo sistema global, que para Baumann se beneficia dessa desconexão por poder agora exercer o seu poder com mais facilidade. Diz ele:

Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. Os poderes globais se inclinam a dismantelar tais redes em proveito de sua contínua e crescente fluidez, principal fonte de sua força e garantia de sua invencibilidade. E são esse derrocar, a fragilidade, o quebradiço, o imediato dos laços e redes humanos que permitem que esses poderes operem. (BAUMAN, 2004, p. 22)

Um conceito que descreve bem o homem pós-moderno que vive nesta sociedade do desempenho parece ser o de "homem light" desenvolvido pelo autor espanhol Enrique Rojas e bem trabalhado no texto de Wilmar Luiz Barth intitulado como "O Homem Pós-Moderno, Religião e Ética"; segundo Wilmar:

os produtos "light" deram origem ao homem "light" e à vida "light", caracterizada pelo fato de que tudo está sem calorias, sem gosto ou interesse. A essência das coisas não importa, só é quente o superficial, e a vida pode ser comparada a um coquetel, onde tudo pode ser experimentado, mas tudo está desvalorizado. (BARTH, 2007, p. 91)

Como não tem critérios sólidos, o homem light é superficial e aceita tudo. Geralmente não tem um projeto de vida e lhe interessa ter, possuir, comprar mais e consumir loucamente. Compra coisas e depois se arrepende. Fabrica sua verdade de acordo com suas preferências, escolhendo o de que gosta e rejeitando o que não lhe apetece. Exige poder "ficar a sós", "precisa retirar-se". Uma solidão sem rebelião pessoal e sem análise. (BARTH, 2007, p. 92)

Esse indivíduo light estaria então vivendo uma vida cansativa, superficial, sem calor, preso em uma rotina cercada por violências neuronais que ao longo do tempo resultam em um adoecimento psíquico. Esse adoecimento psíquico é o que traz ao indivíduo pós-moderno o semblante cansado, derrotado e que ocasionalmente é

diagnosticado com doenças psíquicas como a depressão, a ansiedade etc. ainda sobre o homem light, Wilmar fala: “O homem moderno, conforme Rojas, não é feliz. Ele tem uma certa dose de bem-estar, tem prazeres, mas vive esvaziado da autêntica alegria.” (BARTH, 2007, p. 92)

É interessante ressaltar que esta configuração da sociedade pós-moderna, que traz como características esse cansaço, essa alta violência neuronal e essa fragilidade nas relações, exerce influência e está presente na vida dos sujeitos de todas as faixas etárias, inclusive nos jovens, entendidos aqui como indivíduos com 16 a 24 anos de idade. Essa faixa etária específica vem demonstrando níveis alarmantes de adoecimento mental como foi demonstrado na introdução, tendo cerca de 20% dos jovens algum tipo de distúrbio mental e a expressão do cansaço cada vez mais vem tomando conta.

II) A formação dessa sociedade

É importante então se ter em mente que: esta forma de vida que afeta os indivíduos de maneira geral e reina nas atuais sociedades é uma característica que está contida na própria sociedade pós-moderna e faz parte do seu funcionamento. Sendo assim, podemos interpretar que essa vida “descalorificada”, como Rojas mostra, é instaurada socialmente, ou seja, os indivíduos não se tornam assim partindo de sua individualidade, e sim através de processos socializadores sofridos por eles ao longo da vida em sociedade, partindo assim do geral para o particular. Essa inferência nos permite pensar que as instituições responsáveis por socializar os indivíduos e por interiorizar neles a forma de vida dessa sociedade, possuem um importante papel na criação e manutenção dessa sociedade regada de cansaços e de violências neuronais; e é aqui que começaremos a pensar sobre o papel da educação na formação dessa realidade. Não queremos aqui implicar que toda a culpa desse quadro problemático da sociedade é da educação, afinal na fase da juventude os jovens enfrentam diversas situações e mudanças na sua vida como a perda do corpo infantil e o aumento das responsabilidades com a família, que levam a um adoecimento psíquico; além disso é importante ressaltar que a sociedade é complexa e o seu formato com suas diversas nuances é construído de maneira plural e em diversos espaços e deve ser entendida desta forma, porém a escola, entendida aqui como as instituições dedicadas a educação de crianças do maternal até o ensino médio, é sem dúvidas a maior instituição socializadora na sociedade

atual por estar ela responsável pela atividade suma de formação de um indivíduo, a educação, e como tal ela é uma grande peça na formação dessa realidade problemática regada de doenças psíquicas. É através da educação que o indivíduo adquire, ao longo de todo o percurso escolar, os conhecimentos e os valores prezados pela sociedade, mas não apenas isso, o sujeito também sofre na escola valiosos processos de socialização, convivendo diariamente com outros indivíduos, que moldam a forma como o indivíduo convivera na sociedade; sendo assim a importância e a influência da educação na formação e formatação do indivíduo é inegável. E quando somamos a realidade da escola o fato de que é na juventude o ponto da vida de um indivíduo mais suscetível à formatação, a escola adquire um papel ainda mais notável.

É aqui que entramos com a nossa problemática da pesquisa, teria a escola influência nesse aumento do adoecimento mental dos jovens? A teoria que levantamos previamente é a de que ao longo da vida escolar os estudantes são expostos e incentivados a viverem sobre uma rotina cansativa e de alto rendimento, sendo interiorizados aos poucos através da vivência escolar como um todo, desde as salas até os espaços de convivência, os valores da sociedade do desempenho. Da mesma maneira, a fragilidade das relações apontada por Bauman podem encontrar raízes já nesses processos iniciais da socialização que ocorrem no ambiente escolar e estarem presentes já na vida dos jovens. Sendo assim os jovens estariam vivendo uma alta violência neuronal implantada por esses processos ao longo da sua vida como estudante. Mas quais seriam esses processos? é possível identificar de que maneira esses valores vêm sendo passados e implantados nos indivíduos?

III) A educação

Como vimos em Freud a juventude por si só já é um período propício ao adoecimento psíquico devido ao fato de que nessa fase os jovens vivem um período de grandes tensões mentais por questões como a perda do corpo infantil e do ganho de responsabilidades. Soma-se a essas questões outros elementos que também ocorrem nessa fase da vida, como a descoberta acerca da vida como um todo, desde um ponto de vista racional tendo sua racionalidade sendo desenvolvida através do estudo das ciências, até um ponto de vista emocional, desenvolvendo e experienciando as suas emoções; a formação do perfil do indivíduo, sendo construída a própria percepção do que é a vida e de como ela é vivida e deve ser

planejada, sendo aqui introduzido também o fato de que é nesse momento da vida que o futuro do jovem começa a ser moldado. Levando em conta todos esses elementos presentes na vida do jovem, essa fase da vida por si só já é bastante suscetível a sentimentos de ansiedade e preocupação.

Quando adicionamos a esse caldeirão os vários elementos e nuances que a escola proporciona, tais como: A tensão proporcionada pelos métodos avaliativos, a alta carga horária requerida para a sensação de dever cumprido, o cansaço físico proporcionado pela rotina, o curto tempo proporcionado ao lazer e os discursos da sociedade do desempenho legitimados; temos uma fase verdadeiramente atormentante. Passando grande parte de seu dia nas escolas com um lazer restrito, sendo expostos às metodologias avaliativas esgotantes e a discursos atormentantes, realizando atividades exaustivas de maneira rotineira; o perfil do estudante vai sendo formado junto com a sua visão de mundo e aos poucos o rosto do cansaço toma conta.

1.3. Doenças Psíquicas:

Um dos principais conceitos que é importante se ter claro, afinal ele norteia toda a pesquisa, é o de doenças psíquicas. O termo “doenças psíquicas” serve para descrever uma série de doenças de cunho mental que comprometem o funcionamento normal da mente humana trazendo sofrimento para os indivíduos que as possuem; alguns exemplos de doenças psíquicas que afligem os seres humanos são: a histeria, a depressão, as neuroses, a ansiedade etc.

Um grande autor que é, sem dúvidas alguma, de grande importância para entender as doenças psíquicas como um todo é Sigmund Freud. Freud foi um cientista que dedicou seus estudos a entender o funcionamento do aparelho mental humano em geral, e as suas obras construídas ao longo de sua vida permitiram entender melhor como funciona as questões mentais humanas, seja num estado saudável ou em um doente. Em sua obra intitulada como “Esboço de Psicanálise” (1940) que serve como introdução para as suas demais obras, Freud mostra que o aparelho mental humano é formado por três partes, são elas: o id, o ego e o superego. O id é descrito por Freud da seguinte forma:

À mais antiga destas localidades ou áreas de ação psíquica damos o nome de id. Ele contém tudo o que é herdado, que se acha presente no nascimento, que está assente na constituição - acima de tudo, portanto, os

instintos, que se originam da organização somática e que aqui [no id] encontram uma primeira expressão psíquica, sob formas que nos são desconhecidas. (1940, p. 92)

O id é então a parte mais fundamental do aparelho psíquico do ser humano e se faz presente no indivíduo desde o seu início sendo ela responsável por não apenas abrigar os instintos (compostos pelo Eros e pela destrutividade) e as necessidades, como também por desejar as suas satisfações. Já o Ego, é descrito por Freud da seguinte forma:

A outra região da mente, que acreditamos conhecer melhor e na qual nos reconhecemos mais facilmente - a que é conhecida como ego -, desenvolveu-se a partir da camada cortical do id, que, por ser adaptada à recepção e exclusão de estímulos, está em contato direto com o mundo externo (realidade). (...)sua função construtiva consiste em interpolar, entre a exigência feita por um instinto e a ação que a satisfaz, a atividade de pensamento que, após orientar-se no presente e avaliar experiências anteriores, se esforça, mediante ações experimentais, por calcular as conseqüências do curso de ação proposto. (1940, p. 129)

O ego é então a parte do aparelho psíquico humano que surge do id e é responsável por lidar com a realidade e buscar satisfazer as vontades do id. Por fim, o superego é a parte onde reinam os valores adquiridos pela socialização e que compõem o quadro moral do indivíduo e seu surgimento é descrito pelo autor da seguinte forma:

No curso do desenvolvimento de um indivíduo, uma parte das forças inibidoras do mundo externo é internalizada e constrói-se no ego uma instância que confronta o restante do ego num sentido observador, crítico e proibidor. Chamamos essa nova instância de superego. (1940, p. 74-75)

Essa relação entre o id, o ego, onde o id faz exigências ao ego que nem sempre vai poder satisfazer é bastante conflituosa e, ao somarmos o superego a esse cenário vemos que a mente humana acaba por se tornar uma verdadeira zona de guerra que está em constante conflito.

A exigência mais severa feita ao ego é provavelmente a sujeição das reivindicações instintivas do id, para o que ele é obrigado a fazer grandes dispêndios de energia em anticatexias. Mas as exigências feitas pelo superego também podem tornar-se tão poderosas e inexoráveis que o ego pode ficar paralisado, por assim dizer, frente às suas outras tarefas (1940, p. 110)

Caso alguma dessas partes consiga se fortalecer e sobrepujar a outra a mente humana entraria em desequilíbrio e, segundo Freud, as doenças psíquicas decorrem justamente desse tipo de desequilíbrio na relação entre essas três partes do aparelho psíquico humano. Esses desequilíbrios podem ter como origem as experiências vividas pelos indivíduos e a forma como o indivíduo lida com essas experiências.

1.4. A Sociedade do Cansaço:

A sociedade do cansaço é o conceito criado pelo autor Byung-Chul Han (2015) para descrever o modelo atual da sociedade capitalista moderna. Han em sua obra intitulada como “A Sociedade do Cansaço” aponta que os indivíduos na sociedade capitalista moderna guiam a sua vida tendo como norte o mercado de trabalho e dedicam grande parte do seu dia ao mundo do trabalho, seja se preparando para entrar nele, dedicando muitas horas para se qualificar, seja enfrentando longas distâncias e o tráfego para se mobilizar até o local de trabalho/preparação, seja trabalhando de fato; dessa forma para o autor o indivíduo na contemporaneidade não é mais um homo sapiens, e sim um tipo de “homem laboris” que dedica grande parte da sua vida, desde a juventude, ao mundo do trabalho. Além disso, assim como aponta Ehrenberg, os indivíduos, ao serem socializados ao molde de uma sociedade do desempenho, vivem afogados pela opressão que cometem contra si mesmos, onde mesmo em momentos de lazer os indivíduos não conseguem se livrar de pensamentos negativos que os perturbam, tais como: “Eu deveria estar fazendo alguma atividade produtiva”. “O homem depressivo é aquele animal laborans que explora a si mesmo e, quiçá deliberadamente, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo.” (2015, p. 28) Essa forma de vida atual, que faz com que a humanidade viva hoje sobre um constante estado de opressão e de inquietação devido ao excesso de positividade a que estão sujeitos, exposta ainda a uma rotina pesada e estressante desde a juventude dedicando grande parte dos seus dias a atividades produtivas, formam indivíduos fisicamente e mentalmente cansados e com a “alma consumida”.

O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma. (2015, p. 29)

Esses elementos caracterizam a sociedade do cansaço, que traz consigo uma forte violência neuronal que culmina no aumento das doenças psíquicas observadas na realidade.

1.5. Violência neuronal:

Outro conceito do autor Byung-Chul Han que também é importante para entender a discussão que será feita nessa pesquisa é o de violência neuronal. Segundo Han, a violência neuronal é um tipo de violência que acomete os indivíduos das sociedades capitalistas atuais e que está inerente no sistema dessas sociedades e não no exterior como outros tipos de violência. “A violência neuronal não parte mais de uma negatividade estranha ao sistema. E antes uma violência sistêmica, isto é, uma violência imanente ao sistema.” (2015, p. 20) O que caracteriza a violência neuronal é um excesso de positividade que existe na sociedade moderna e que acaba por provocar nos indivíduos a sensação de que ele é incapaz ou que poderia estar fazendo mais levando o indivíduo a um estado de desconforto constante. Esse excesso de positividade que aflige o aparelho mental dos indivíduos das sociedades capitalistas atuais é, para Han, um dos motivos para o surgimento e a ascensão das doenças mentais da modernidade que aqui buscaremos compreender.

Tanto a depressão quanto o TDAH⁷ ou o SB⁸ apontam para um excesso de positividade. A SB é uma queima do eu por superaquecimento, devido a um excesso de igual. O hiper da hiperatividade não é uma categoria imunológica. Representa apenas uma massificação do positivo. (2015, p. 20-21)

1.6. A sociedade do desempenho:

A sociedade do desempenho é um conceito construído pelo Sociólogo Ehrenberg para descrever o modelo da sociedade capitalista atual visto que as explicações dadas no passado por outros autores como Foucault não mais eram o suficiente para explicar de maneira satisfatória a sociedade atual pois não davam conta dos novos elementos que ela possui.

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. (HAN, 2015, p. 23)

A sociedade disciplinar, estudada por Foucault (1987), era uma sociedade de controle, recheada de instituições que regravam a vida dos indivíduos, e que os

⁷ Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

⁸ Síndrome de Burnout

cercavam de “nãos”. Essa vida regrada e cheia de negatividades que os sujeitos da obediência viviam, levava à criação de loucos e delinquentes. Segundo Ehrenberg, a sociedade moderna não é mais uma sociedade disciplinar marcada pela negatividade e pelo controle externo, e sim uma sociedade do desempenho marcada pelo excesso de positividade onde o indivíduo não mais se encontra limitado pelo controle externo que o obriga a trabalhar e que o explora, agora ele mesmo é responsável por controlar a sua vida, ele mesmo é responsável pelo seu sucesso ou por seu fracasso.

O sujeito de desempenho está livre da instancia externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. E senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência (HAN, 2015, p. 29).

Essa mudança pode ser ilusória pois, apesar de que a primeira vista possa parecer positiva por proporcionar mais liberdade e oferecer mais possibilidades ao indivíduo, ela na verdade continua a exercer um certo controle através de uma coerção instaurada nos indivíduos através da socialização, que faz com que os indivíduos de uma sociedade do desempenho se auto regulem, se auto oprimam ao estarem sempre se cobrando a estar sempre sendo produtivo e progredindo para que eles consigam ascender socialmente e terem acesso ao lado bom da vida capitalista. Como resultado, os indivíduos em uma sociedade do desempenho se tornam os seus próprios opressores e vivem em um estado de opressão e violência neuronal constante e que acaba resultando em um adoecimento psíquico da população, gerando o depressivo.

A carreira da depressão começa no instante em que o modelo disciplinar de controle comportamental, que, autoritariamente e proibitivamente, estabeleceu o papel às classes sociais e aos dois gêneros, foi abolido em favor de uma norma que incita cada um à iniciativa pessoal: em que cada um se comprometa a torna-se ele mesmo. O depressivo não está cheio, no limite, mas está esgotado pelo esforço de ser ele mesmo. (EHRENBURG, apud HAN, 2015, p. 26)

Sendo assim, a sociedade do desempenho é um tipo de modelo de sociedade que possui como principal característica um excesso de positividade que leva, junto a outros fatores, os indivíduos a sofrerem com doenças psíquicas.

2. SEGUNDO CAPÍTULO:

A ESCOLA DE REFERÊNCIA SILVA JARDIM E O ENSINO INTEGRAL:

2.1. Nosso campo de estudos: A Escola Silva Jardim:

Para verificar e comprovar a tese de que a escola, através das metodologias que ela utiliza e da rotina que ela induz o aluno, insere o indivíduo na sociedade do desempenho dando assim base para a sociedade do cansaço, possuindo assim uma influência no aumento do índice de adoecimento psíquico dos jovens, é indispensável que tenhamos dados práticos que possibilite conhecermos a realidade dos alunos na escola de fato. Com a finalidade de satisfazer essa necessidade, realizei uma pesquisa de campo centrada na aplicação de questionários com alunos do segundo ano do ensino médio da escola de referência do ensino médio (EREM) Silva Jardim, situada na Praça do Monteiro no bairro de Apipucos em Recife, contando também com a observação para complementar a pesquisa. Sobre o questionário como técnica de coleta de dados, Gil escreve:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (2008, p. 121)

E sobre a observação, Gil escreve:

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente. A observação é sempre utilizada nessa etapa, conjugada a outras técnicas ou utilizada de forma exclusiva. (2008, p. 100)

Além disso, realizei também entrevistas com alunos e ex-alunos de escolas particulares de Recife, cujas identidades, assim como as dos alunos do Silva Jardim, serão mantidas em anonimato sendo utilizados nomes fictícios quando necessário. Sobre a entrevista semi-estruturada Gil fala sobre a sua importância como técnica de coleta nas investigações sociais, ressaltando a sua flexibilidade, e diz que:

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (Selltiz et al., 1967, p. 273). (2008, p. 109)

O maior objetivo nesse trabalho de campo era conhecer a realidade dos alunos, sua rotina e seus problemas, buscando identificar nas suas próprias respostas os elementos que permitam a comprovação da tese da pesquisa que desenvolvemos ao longo de todo o trabalho.

I) Pesquisa no Silva Jardim

Na pesquisa de campo realizada no Silva Jardim com o aval da gestão e o acompanhamento da coordenação, além de conversas formais com os alunos da pesquisa, foram aplicados 35 questionários com 14 questões de múltipla escolha cujas perguntas buscavam mapear a rotina dos alunos, os seus estados mentais e a percepção deles do papel da escola na condição que a sua saúde mental se encontra. Mas antes de prosseguir e nos aprofundar nas perguntas feitas e nas respostas recebidas, é importante se ter uma ideia de como é a escola em questão.

a) A escola.



Ser uma escola de referência do ensino médio significa dizer que a escola está em uma posição mais elevada que as demais escolas públicas, pois ela faz parte de um projeto do governo de Pernambuco que fornece um maior apoio a certas escolas para que elas se desenvolvam mais e sirvam de modelos para as outras escolas públicas se inspirarem. Como uma dessas escolas de referência, o Silva Jardim, apesar de não possuir uma estrutura de alto nível capaz de fazer frente a várias das boas escolas particulares de Recife, se encontra em uma posição diferente, funcionando em período integral e possuindo um espaço físico acima da média pública, contando com múltiplas salas de aulas, refeitórios, espaços para prática de esportes etc. Além disso, a escola conta com um bom corpo docente que possuem formações em suas áreas do saber, sendo assim professores capacitados para exercer a atividade do lecionar.

Tudo me parecia estar em um estado satisfatório e condizente com o que era esperado de uma escola com suas características. Apesar da simplicidade, as salas

de aula possuíam um bom espaço interior e eram capazes de receber os alunos que as frequentavam de maneira satisfatória, e apesar de não contarem com ar condicionados, as salas eram bem arejadas existindo em seus interiores mais de um ventilador. O refeitório e a área para lazer, assim como as salas de aulas, também possuíam um bom espaço físico e no que tange a estrutura física propriamente dita da escola, parecia estar em um bom estado.

Contudo os problemas enfrentados e sofridos pelos estudantes da Escola, não eram visíveis, pois não estavam nas condições físicas do prédio, na sua organização espacial, nem mesmo no projeto político pedagógico formal da escola, mas sim no ritmo e nas exigências tratados, conforme podermos perceber no terceiro capítulo desta monografia.

2.2. As políticas educacionais e a Escola Integral:

Embora muito recentemente se elabore e se dissemine as experiências de Escola Integral, faz-se necessário reconhecer que a história do Brasil é marcada por essa experiência de escolas integrais. Mesmo reconhecendo que não há uma comunhão entre a “Escola Integral”, e “escola em tempo integral”. Só para lembrar em todo o período colonial as elites locais e nacionais garantiam as escolas integrais para seus filhos e filhas, inclusive os históricos internatos, só lembrar os importantes colégios jesuíticos e liceus. Com a urbanização e a industrialização algumas mudanças foram incorporadas aos processos educacionais.

Por outro lado, para as classes populares, a escola sempre foi de tempo parcial, pois, além de ser oferecida muito tempo depois da abolição legal da escravidão, e da proclamação da república, o acesso a escola continuou sendo uma aspiração muito distante para as pessoas dessas classes sociais. Tais escolas, além de uma aspiração distante, eram pobres e muito deficientes, se apresentavam com objetivos apenas de alfabetizar os jovens, e de incorporá-los ao mercado de trabalho.

Dermeval Saviani (2005) se destaca entre os estudiosos das políticas educacionais no Brasil. Embora haja registros de políticas educacionais, no período do “Estado Novo”, as políticas de universalização da educação só passaram a constar como uma preocupação nacional no período das conhecidas “Reformas de Base”, no auge do período nacionalista e desenvolvimentista, sobretudo no governo de João Goulart, através da chamada “reforma educacional”, em que se formularam

importantes políticas, mas pouco conseguiu ser concretizado, devido ao golpe civil-militar de 1964.

Neuzitânia da Silva Oliveira (2019) lembra que só recentemente a legislação brasileira tratou de ensino fundamental em tempo integral, através da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, no art. 34, parágrafo 2º: “O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino”. Citações semelhantes aparecem em outros momentos da lei, mas em nenhum deles se afirma diretamente algo que leve de imediato a implementação do ensino de tempo integral.

Essa autora lembra que:

“Historicamente, o termo educação integral refere-se à educação que possibilite a formação integral do ser humano, ou seja, que contemple todas as suas dimensões, concebendo corpo e intelecto como um todo, onde seu desenvolvimento acontece através de diversas linguagens e que assim, compreende o homem como um ser multidimensional.” (OLIVEIRA, 2019: 19)

Diversos estudiosos se dedicaram ao estudo da educação integral. Como Cavaliere (2009), a educação integral não pode ser apenas um lugar para os alunos “ocuparem” seu tempo ocioso, mas se inclui na discussão do projeto pedagógico. Nesse sentido, considera-se o contexto, as múltiplas formas de aprendizagem e, inclusive, infraestrutura adequada ao desenvolvimento das atividades propostas. Para tanto, articula-se esforços da direção escolar com as gestões governamentais e com a família.

Na primeira década deste século, ganhou importância e legitimidade os debates em torno da denúncia das desigualdades sociais, e das necessárias políticas e esforços, senão para sua superação, pelo menos para sua diminuição. Nesse sentido a educação assume um terreno fértil, resgatando-se os ideais mais generosos em torno de uma educação includente, democrática, problematizadora. Nesse sentido ampliam-se as reflexões e as políticas por universalização ao acesso, de permanência e de aprendizagem, de engajamento e construção participativa de uma proposta de Educação Integral, que ultrapassa o aspecto do aumento da jornada escolar, e propicie o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, político, moral, visando à superação das desigualdades sociais e da afirmação do direito às diferenças. Assim se pronuncia Jaqueline Moll (2007)

A formulação de uma proposta de Educação Integral concretiza o ideal de uma Educação Pública Nacional e Democrática, contextualizada historicamente, portanto problematizada segundo os desafios, avanços e limites do sistema educacional e da organização curricular no século XXI, caminhando na direção oposta à da desescolarização social e da minimização dos efeitos e das possibilidades do trabalho escolar. (MOLL: 2007, 37).

Ou seja, no nível das elaborações, aumentam a disseminação, a necessidade e a legitimidade de avançar para uma educação integral em toda a política de educação básica. A Escola de Referência Silva Jardim em Recife, é mais uma iniciativa nesse contexto.

3. TERCEIRO CAPÍTULO:

OS ESTUDANTES DA ESCOLA SILVA JARDIM: ENTUSIASMO E CANSAÇO:

3.1. Os instrumentos de coleta

i) O questionário.

O questionário, que está contido no anexo desse trabalho, foi criado todo focado em conseguir de maneira direta os dados que vão embasar a teoria aqui construída, sendo assim, foram feitas perguntas bem direcionadas interessadas em expor dados como: a quantidade de horas em média que os estudantes destinam ao estudo rotineiramente, se a experiência de estudar é tida pelos alunos como prazerosa, se os alunos sofrem com ansiedade e se pensam que essa ansiedade pode ser relacionada a escola, a expectativa para o futuro, a percepção dos alunos acerca da concorrência a qual terão que enfrentar nos processos avaliativos que serão submetidos no futuro e etc. As perguntas e as alternativas foram ainda formuladas de uma maneira que foi possível não apenas identificar a presença ou a ausência do sentimento/pensamento em questão, como também, através da progressão existente nas alternativas, foi possível também mensurar a intensidade que ele possui, alcançando assim um dado mais significativo.

ii) A entrevista

As entrevistas feitas com alunos e ex-alunos da rede particular de ensino de Recife surgiram como uma forma de acrescentar de maneira positiva a pesquisa ao proporcionar um aumento da amostragem que se tinha. Essa amostragem maior proporciona a pesquisa uma maior segurança para os seus resultados e para as suas conclusões. Ao todo, foram realizadas 5 entrevistas semi-estruturadas que tiveram uma média de 1 hora de duração e tiveram como objetivo a obtenção de dados mais profundos e que permitiram uma melhor compreensão da vida no ensino médio e como a escola influencia na saúde mental do jovem. Assim como no questionário, os temas abordados eram diretamente ligados com a temática e a tese dessa pesquisa, sendo assim temas como a rotina e o estado físico e mental dessa época foram abordados com prioridade. É interessante ressaltar desde já a proximidade que se pôde ser observada entre os dados obtidos nos instrumentos, mesmo os sujeitos serem de sistemas educacionais distintos.

3.2. Sentimentos e práticas dos estudantes: sinais de uma sociedade do cansaço

I) As respostas do questionário

Os dados obtidos através das respostas que foram dadas nos questionários pelos alunos do segundo ano, que possuem uma faixa etária de 16 a 17 anos, foram de grande importância.

Em sua primeira parte, que vai da questão 1 até a 5, os questionários revelaram que os alunos, apesar de muitos considerarem o estudo uma atividade não muito agradável na maior parte do tempo, dedicam cerca de 12 horas diárias da sua vida ao estudo, estando aqui incluso todas as atividades que fazem parte da rotina do estudante, desde as aulas em período integrais que duravam 9 horas, até os transportes e os cursinhos pré-vestibulares que alguns alunos participavam. Chama a atenção o caso de um aluno em específico que comentou que dedicava 17 horas do seu dia ao estudo, esse mesmo aluno gostaria de cursar fisioterapia e afirmou sofrer sempre com o sentimento de ansiedade. Outro dado obtido trata-se da possibilidade de manter-se realizando refeições junto com a família, aqui em média os alunos afirmaram conseguir ter duas refeições com a família na semana. Com a quinta questão, obteve-se o dado de que frequentemente nessa escola se praticam atividades fora da sala de aula.

Já na segunda parte do questionário, que vai da questão 6 até a questão 10, as respostas foram alarmantes. Especialmente as respostas da questão de número 6 que demonstrou possuir uma proximidade evidente com a pesquisa de Othon Bastos e Joana D'arc Vila Jatobá, na medida em que elas mostraram que 40% dos alunos se encontram sofrendo com ansiedade na maioria do tempo, enquanto 38% declararam estar sempre sofrendo com ansiedade, estando ainda 23% dos alunos as vezes lidando com esse sentimento. Dessa forma, 97% dos estudantes declararam sofrerem com ansiedade em algum momento do dia, tendo a maioria assinalado a opção de estar lidando com ansiedade na maioria do tempo. Quando indagados pela pergunta da questão 7, com exceção de 2 alunos, todos os estudantes que declararam sofrer com ansiedade conseguem ver uma relação entre a presença desse sentimento de ansiedade e a escola. Nas demais questões dessa segunda fase, as respostas revelam que são raras a presença de dificuldades na hora de dormir e que tanto na sala de aula quanto no funcionamento da escola como um todo os alunos não possuem uma voz ativa no funcionamento do dia a dia.

Por fim, na terceira parte do questionário as respostas sobre o futuro após o término do ensino médio mostraram que cerca de 48% dos estudantes pretendem trabalhar e estudar ao mesmo tempo, sendo praticamente unânime a intenção de ingressar em uma universidade pública. Quanto as respostas acerca da concorrência e da necessidade de fazer cursinhos pré-vestibulares, a vasta maioria acha que a concorrência é alta e que para ser aprovado é de grande importância estar em um cursinho pré-vestibular.

II) As respostas das entrevistas

Os dados obtidos através das entrevistas mostraram que existe uma certa proximidade nas horas dedicadas ao estudo entre os alunos estudados, sendo mantida a média de 12 horas dedicadas ao aprendizado somando o período de aula na escola e em cursinhos pré-vestibulares.

“No ensino médio eu me lembro que passava o dia e a tarde inteira na escola, acredito que contando com as horas do intervalo para lanche e almoço eu ficava umas 11 horas na escola e depois ia para o cursinho de noite que durava umas 3 horas” (Jonathan, 26 anos, ex-aluno)

A necessidade da complementação do conhecimento adquirido na escola com o ensino obtido em cursinhos pré-vestibulares também aparece e é defendida pelos alunos entrevistados, que concordam ser de suma importância para que se alcance a aprovação. “Acredito que sim, por que querendo ou não é um lance a mais e é importante para você conseguir tirar uma nota melhor” “É bom, me ajudou bastante a ir bem em matérias que possuem um peso alto no Enem. [...] foi importante pra eu passar”

Um outro ponto interessante acerca dos cursinhos foi levantado por um dos entrevistados, segundo ele apesar de reconhecer a importância para a aprovação, o que o motivou a se matricular em algo para complementar os aprendizados da escola foi o sentimento de ficar para trás dos colegas que começaram a frequentar cursinhos já no primeiro ano do ensino médio.

“Na época do ensino médio, sentia que era importante que eu fizesse algum cursinho ou isolada para não ficar pra trás, muitos amigos meus faziam alguma coisa, um curso de redação algo assim e eu entrei também para conseguir acompanhar.” “[...] antes de eu decidir entrar sim, sentia que o que eu estava fazendo era insuficiente, a escola não era o suficiente para eu passar nos vestibulares” (Isaac, 22 anos, ex-aluno)

Acerca da saúde mental, 3 dos entrevistados disseram frequentemente se sentir um pouco pra baixo e dizem ter sofrido com uma certa ansiedade no ensino

médio. Eles atribuíram essas dificuldades principalmente aos sistemas avaliativos a quais eram submetidos e da possibilidade de fracasso no futuro. “você era constantemente submetido a muitas provas no mesmo dia, era comum tirar notas ruins e isso acabava te deixando mal”; “Sim, além de tudo que rolava você ainda tinha aquela preocupação com o vestibular que batia as vezes. É uma prova que decide o teu futuro e isso fica rondando você”.

“Eram muitas provas no mesmo dia, muitos conteúdos, e principalmente no terceiro ano era quase impossível conseguir ficar na média, isso por que sempre fui um aluno com notas decentes, mas mesmo assim se tornou comum eu ter um mal desempenho” (Jonathan, 26 anos, ex-aluno)

3.3 Analisando os dados: O sistema educacional como fonte de tormentos.

As duas fontes de dados apesar de tratarem de redes de ensino diferentes forneceram informações semelhantes que mostram a vida no ensino médio de uma maneira problemática pois os alunos demonstram estar expostos a uma alta violência neuronal. Essa violência neuronal, que fica evidente no altíssimo número de alunos com problemas psíquicos como a ansiedade, aparenta decorrer de diversas fontes que atacam o aluno de vários lados e de várias formas.

A primeira dessas fontes aparenta estar relacionada com a longa rotina muitas vezes não prazerosa que os alunos se encontram submetidos. As 9 horas diárias dedicadas a escola, somada com as horas dedicadas ao estudo em cursinhos ou em casa, aparentam assumir um caráter atormentante aos estudantes, principalmente para aqueles alunos que não consideram estudar uma experiência agradável no geral; afinal dedicar grande parte do seu dia a algo que não lhe traz prazer é sem dúvida nocivo para a mente desse indivíduo. Vale ressaltar aqui o dado de que 95% dos estudantes consideram fundamental para a aprovação no vestibular a participação em cursinhos pré-vestibulares e que os alunos que não frequentam essas instituições sentem que estão ficando para trás como bem demonstra a fala de Isaac. Tanto essa necessidade de incrementar às aulas da escola as aulas dos cursinhos, que torna a rotina mais longa e exaustiva, quanto o sentimento de ficar para trás caso não frequente algum cursinho, aparecem aqui como peças importantes para entender bem o adoecimento psíquico do jovem.

Outro ponto que se soma a longa rotina como mais uma fonte de violência neuronal são as metodologias avaliativas. Um ponto de comum consenso, e que é destrinchado nas entrevistas, é o de que as múltiplas provas, que são realizadas em

um curto período e em vários períodos do ano letivo, trazem um alto grau de dificuldade para que o aluno consiga alcançar a média exigida para ser aprovado nas matérias, fato esse que acaba trazendo um “mal-estar” ao estudante por não conseguir ser bem sucedido nas avaliações. Esse mal-estar relatado pelos alunos não é nada se não a violência neuronal em ação resultando em um adoecimento psíquico do indivíduo.

Uma terceira e quarta forma que surgem entrelaçadas entre si como mais uma grande fonte de tormento aos estudantes advém dos discursos ultimatas legitimados pela escola e a alta concorrência que aguarda os estudantes no vestibular. Motivados pela alta concorrência e a necessidade de possuir uma melhor taxa de aprovação nos vestibulares, é comum que professores e coordenadores digam aos alunos frases como: “O seu futuro está em jogo, se você quer ser alguém e estudar numa universidade pública estude mais”, “Só a escola não é o suficiente, você tem que estudar muito em casa também”, “Enquanto você está descansado os outros estão lá estudando”, etc. Esses tipos de discursos que são realizados de maneira frequente no ensino médio além de possuírem um caráter ultimata na medida em que induzem o aluno a pensar que o fracasso no vestibular teria consequências catastróficas e irreversíveis para a sua vida, eles também implantam no indivíduo pensamentos típicos da sociedade do desempenho que resultam no próprio indivíduo se oprimindo por estar vivenciando momentos de descanso ou de lazer. Além disso, a própria alta concorrência por si mesma já traz consigo uma certa aflição aos indivíduos por eles terem a noção de que para vencer a corrida pela aprovação eles terão que superar diversos outros participantes, sendo está uma atividade árdua de ser bem-sucedida.

A quinta fonte, que possivelmente acarreta em uma violência neuronal para os alunos, e que os dados obtidos revelaram, diz respeito à perspectiva para o futuro, onde muitos alunos afirmaram terem a intenção de não apenas estudar em uma faculdade pública como também ingressar no mercado de trabalho ao mesmo tempo. Esse futuro é talvez ainda mais pesado do que o atual presente atormentante que eles já vivenciam, afinal o curso superior por si só já exige bastante da mente e do corpo do indivíduo, e ele somado a um trabalho, mesmo que esse seja de meio período, é sem dúvidas uma combinação que promete trazer grandes dificuldades aos indivíduos.

Por fim, um último ponto que deve ser aqui levantado trata-se do modelo de aula e funcionamento da escola que os dados obtidos relataram. Os alunos reconhecem que eles não possuem o poder para mudar a forma como as aulas e a escola funcionam. Seja sugerindo novos conteúdos ou diferentes formas de organização, a voz do aluno não é ouvida. Esse modelo de funcionamento da escola se assemelha à concepção bancária da educação apontada por Paulo freire em suas obras.

“Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.” (FREIRE: 1987, p. 37)

“O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca.” (FREIRE: 1987, p. 38)

Dessa forma a educação bancária contribui para a construção de indivíduos sem uma capacidade crítica, acomodados e inseridos no formato desejado pela sociedade maior, e que aqui na nossa sociedade capitalista pós-moderna trata-se do próprio formato do cansaço e do esgotamento.

“Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos.” (FREIRE: 1987, p. 39)

É importante ressaltar ainda que esse ponto é também uma forma de violência neuronal pois os próprios alunos nos questionários afirmaram se sentirem frustrados por não terem os assuntos que possuem interesse sendo abordados nas aulas.

4. CONCLUSÃO

Em suma, a pesquisa atingiu com sucesso o seu objetivo inicial de analisar se a socialização feita pelas escolas de Recife (ambiente e escolarização) possui influência no aumento das doenças psíquicas da população jovem de Recife; e a hipótese levantada no início desse trabalho, dada como uma verdadeira resposta inicial à questão problematizadora dessa pesquisa, que propunha a concepção de que o modelo de educação de Recife atualmente contribuía para a formação da sociedade do cansaço e para o aumento dos índices de doenças mentais nos jovens ao, não apenas inserir nos estudantes os valores e a forma de pensar da sociedade do desempenho, como também introduzi-los a uma rotina extensa e cansativa, encontra comprovação e respaldo na realidade estudada, que evidenciou a existência dessas longas rotinas não prazerosas e de discursos que interiorizam na mente dos estudantes a sociedade do desempenho. Além disso, o formato da educação, que se aproxima da educação bancária, é também aqui visto como um dos componentes da escola que age para formar estudantes passivos e com baixa criticidade, estando de acordo com o formato de indivíduo almejado pela sociedade do cansaço.

A metodologia utilizada foi fundamental para que esse sucesso fosse obtido, na medida em que tanto o questionário, como a entrevista e a observação se mostraram ser instrumentos eficazes para a obtenção precisa dos dados necessários para a pesquisa desempenhando assim um importantíssimo papel.

É importante ressaltar também como as discussões feitas por Ehrenberg e Byung-Chul Han que serviram de base teórica para toda a pesquisa foram de suma importância para a compreensão da realidade estudada e para a análise dos dados obtidos, tendo exercido suporte durante toda a discussão desse trabalho.

A escola cerca de violências neuronais a vida do jovem no ensino médio e os altos números de estudantes que sofrem com ansiedade e podem ser encaixados em um quadro depressivo expostos tanto na pesquisa de Othon Bastos e Joana D'arc Vila Jatobá, quanto na pesquisa aqui feita no Silva Jardim, demonstram ainda o quanto essa questão é atual, problemática e está longe de ser resolvida possuindo assim uma grande relevância. Essa temática é ampla e deve ser trabalhada em seus diversos fronts, cuja essa pesquisa foi capaz de expor alguns. Provavelmente e de maneira natural, ainda mais fronts e elementos que geram violência neuronal aos

estudantes irão surgir e serão também problematizados com a realização de mais pesquisas com maior suporte e maior amplitude.

Um caminho que serve para como uma alternativa para fugirmos dessa educação que entrega os estudantes à sociedade do cansaço é apontado por Paulo Freire em sua obra “a pedagogia dos oprimidos”. Nesse texto, Paulo Freire ao criticar a educação bancária sugere a formação de uma educação problematizadora que não apenas mudaria a forma de funcionamento das aulas e das escolas dando mais voz e espaço para os estudantes que deixam de ser vistos apenas como receptáculos passivos e passam a ser indivíduos ativos, como também teria o potencial de mudar a sociedade ao recuperar a criticidade dos estudantes que, afinal, serão os indivíduos que formarão a sociedade no futuro. Indivíduos dotados de uma criticidade, que participam de maneira ativa na construção do conhecimento e na busca pela episteme, expostos a sistemas avaliativos e rotinas mais saudáveis, podem ser a chave para fugir dessa atual realidade que a educação se encontra.

Conclui-se aqui que a socialização feita pelas escolas de Recife de maneira ativa possui sim uma clara influência no adoecimento psíquico dos jovens de Recife na medida em que ela desempenha um importante papel na formação e introdução dos elementos característicos da sociedade do cansaço em suas vidas. Elementos esses que acompanharão o jovem longo de sua existência.

5. Referências

- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- FREUD, Sigmund. **Esboço de Psicanálise**. In: Freud, Sigmund Vol XXIII, 1940, p. 89-134
- GIDDENS, Anthony. **Educação**. In: Giddens, Anthony, Sociologia, Porto Alegre: Penso, 2002, p. 590-603
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**, tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.
- JATOBÁ, Joana e BASTOS, Othon. **“Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas”**, J Bras Psiquiatr, 56(3): 171-179, 2007
- Durkheim, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret Editora, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BARTH, W. L. **O homem pós-moderno, religião e ética**. Porto Alegre: Teocomunicação, v. 37, n. 155, p. 89-108, 2007
- Durkheim, E. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- Durkheim, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes de Base da Educação**. Brasília, 1996.

CAVALIERE, Ana Maria. **Tempo de Escola e Qualidade na Educação Pública**. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

MOLL, Jaqueline. **Compromissos para sua consolidação como política pública**. In: MOLL, Jaqueline. Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. Penso Editora – Porto Alegre, RS, 2012.

OLIVEIRA, Neuzitânia da Silva. **Um olhar sobre a Escola Integral no município de Cabo de Santo Agostinho**. Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **A política educacional no Brasil**. In: STEPHANOU M. e BASTOS, M.H.C. (org's). Histórias e memórias da educação no Brasil. Petropolis-RJ: Vozes, 2005.

6. Apêndice

6.1) Sumário comentado

Esta monografia será dividida em 5 partes, são elas: a introdução, o capítulo 1 (Sociologia, Educação e Sociedade do cansaço); o capítulo 2 (A Escola de Referência Silva Jardim e o Ensino Integral), o capítulo 3 (Os Estudantes da Escola Silva Jardim: Entusiasmo e Cansaço) e por fim, a conclusão.

1) A Introdução:

Aqui será apresentada o cenário geral da pesquisa, mostrando a sua problemática, sua hipótese inicial, seus objetivos, como foi planejada a sua parte prática, sua justificativa e as teorias e conceitos desenvolvidos por autores reconhecidos e que servirão de base para a pesquisa como um todo.

2) Capítulo 1: Sociologia, Educação e Sociedade do Cansaço

Neste primeiro capítulo, é feita uma reflexão sociológica sobre o adoecimento psíquico na sociedade do cansaço e do desempenho que podemos observar na atualidade e sobre o papel da educação na sua instauração.

3) Capítulo 2: A prática.

Neste segundo capítulo, irei expor a pesquisa de campo, mostrando e caracterizando o local onde ela foi feita.

4) Capítulo 3: A análise.

Aqui são expostos os dados da pesquisa, sendo feitas as suas análises seguindo o método criado por Miles e Huberman (1994)

5) A conclusão

Esta parte existe para finalizar o trabalho, sendo feitas as considerações finais e discutindo o saldo geral da pesquisa.

6.2) Questionário

1. Você considera estudar uma experiência agradável?

- (A) Sim, muito
- (B) Sim, um pouco
- (C) Depende da matéria
- (D) Não.

2. Você estuda em casa? Quanto tempo?
- (A) Sim, raramente
 - (B) Sim, de 1 a 2 horas por dia
 - (C) Sim, de 3 a 4 horas por dia
 - (D) Sim, 5 horas ou mais
 - (E) Não
3. Somando tudo (transporte, aula na escola, cursinho, estudo em casa), quanto tempo você dedica ao estudo por dia? _____
4. Você costuma ter alguma refeição (Ex: almoço, jantar) com os seus familiares?
- (A) Sim, Todos os dias
 - (B) Sim, 5 a 6 dias por semana
 - (C) Sim, 3 a 4 dias por semana
 - (D) Sim, 1 a 2 dias por semana
 - (E) Raramente
 - (F) Não
5. Nos últimos 30 dias você teve atividades fora da sala de aula? (Ex: Ginástica, dança, esportes, teatro, etc.)
- (A) Sim, várias vezes
 - (B) Sim, De vez em quando
 - (C) Não
 - (D) Não lembro
6. Nos últimos 12 meses, com que frequência tem se sentido ansioso(a)?
- (A) Sempre
 - (B) Na maioria das vezes
 - (C) Às vezes
 - (D) Raramente
 - (E) Nunca
7. Você diria que a presença ou ausência desse sentimento de ansiedade pode ser relacionado à escola?
- (A) Sim
 - (B) Mais ou menos
 - (C) Não
8. Nos últimos 12 meses, com que frequência você não conseguiu dormir à noite porque algo o(a) preocupava muito?
- (A) Sempre
 - (B) Na maioria das vezes
 - (C) Às vezes
 - (D) Raramente
 - (E) Nunca
9. Você possui uma voz ativa no funcionamento da escola? Em outras palavras, sua voz é ouvida pelos dirigentes e possui um certo impacto sobre a forma que a escola funciona?
- (A) Sim, frequentemente
 - (B) Sim, ocasionalmente
 - (C) Mais ou menos

(D) Não

10. Você já quis estudar um assunto, mas a escola/professor não abordou? Se sim, o quão frustrante essa experiência foi?

- (A) Sim, muito frustrante
- (B) Sim, um pouco frustrante
- (C) Sim, não me senti frustrado(a)
- (D) Não

11. Quando terminar o ensino médio, você pretende:

- (A) Ingressar em uma universidade pública
- (B) Ingressar em uma universidade particular
- (C) Ingressar no mercado de trabalho
- (D) Estudar e trabalhar ao mesmo tempo
- (E) Ainda não sei
- (F) Outra

12. Em qual curso você deseja ingressar? _____

13. Para você a concorrência para o curso que você deseja ingressar é:

- (A) Muito alta
- (B) Alta
- (C) Média
- (D) Baixa
- (E) Muito baixa

14. Você considera fundamental, além de ir para a escola, frequentar cursinhos pré-vestibulares para conseguir ser aprovado no curso desejado?

- (A) Sim
- (B) Não